

Repensando as invasões britânicas a Buenos Aires sob perspectiva da Economia Política Internacional

Rethinking the British invasions of Buenos Aires from the perspective of the International Political Economy

LAURA EMILSE BRIZUELA | laura.brizuela@pepi.ie.ufrj.br

Doutoranda em Economia Política Internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PEPI-UFRJ). Mestre em Relações Internacionais da Universidade do Estado de Rio de Janeiro (PPGRI - UERJ) (2014).

Recebimento do artigo Novembro de 2018 | **Aceite** Dezembro de 2018

Resumo Este artigo se propõe a analisar as duas invasões britânicas a Buenos Aires em 1806 e 1807, a partir da perspectiva da Economia Política Internacional. Primeiro pensamos a inserção de Buenos Aires no Sistema Internacional no âmbito da competição entre a Inglaterra e a França do século XIX. Logo, observamos o lugar da Espanha, aliada da França, e a sua decadência, ou raquitismo crônico, que favoreceu a empreitada inglesa ao porto de Buenos Aires. Também trazemos as causas das invasões, sendo tanto materiais como de interesse estratégico comercial e financeiro, decorrentes da necessidade de alocação de produtos imposta pela Revolução Industrial e a lógica capitalista do aumento e manutenção do poder inglês. O debate entre monopolistas e livre-cambistas, as improvisadas defesas da cidade e a participação popular são elementos essenciais para a definição dos eventos. Como consequências diretas dos conflitos, a cidade porto é obrigada a abrir seus mercados e manter relações desiguais com a Inglaterra, embora também se desenvolvam elementos decisivos durante os ataques, que contribuem para o florescimento do movimento independentista de Maio de 1810. **Palavras-Chave** Buenos Aires, Inglaterra, Invasões Britânicas, Rio da Prata.

Abstract This article proposes to analyze the two British invasions to Buenos Aires in 1806 and 1807, from the perspective of the International Political Economy. First, we think about the Buenos Aires's insertion into the International System, in the context of the competition between England and France in the nineteenth century. Later, we observe Spain's place, a France's ally, and its decadence, or chronic rickets, which favors the English enterprise at Buenos Aires's port. We also bring the causes of the invasions, both material and strategic commercial and financial interest, stemming from the need of product allocation imposed by the Industrial Revolution and the capitalist logic of the increase and maintenance of English power. The debate between monopolists and free traders, the improvised defenses of the city and popular participation are essential elements for the definition of events. As a direct consequence of the conflicts, the port city is forced to open up market and have frequent unequal relations with England, although decisive elements are also generated during the attacks, which contribute to the flourishing of the independence movement of May 1810. **Keywords** Buenos Aires, England, British invasions, River Plate.

Introdução

“(...) yo espero (...) evitar los grandes monopolios que en esta parte tengo noticias se ejecutan en esta capital, por aquellos hombres que desprendidos de todo amor hacia sus semejantes sólo aspiran a su interés particular, y nada les importa el que la clase más útil del estado, o como dicen los economistas, la clase productiva de la sociedad, viva en la miseria y desnudez que es consiguiente a estos procedimientos.¹(...)”

Manuel Belgrano

As invasões britânicas a Buenos Aires ocorridas em 1806 e 1807 são produto da extrapolação do conflito europeu entre Inglaterra, Espanha e França em terras platinas e da necessidade expansiva do capitalismo de ultramar, onde o comércio e as diferentes consequências das revoluções europeias –como da francesa, de ordem política, e da inglesa, de ordem científico-tecnológica – adicionam a toda essa lógica elementos interessantes para se pensar questões tão presentes na Economia Política Internacional, a partir da perspectiva histórica da Bacia do Rio da Prata.

Pretendemos neste artigo, primeiro, propor um contexto geral da região sobre a sua inserção internacional, como provedor de produtos agropecuários. Com o aumento do comércio e especialmente do contrabando de couro e sebo, observamos a prominência de Buenos Aires em relação às províncias vizinhas –lembrando que as províncias são preexistentes ao Estado nacional – e desse destaque, com base na acumulação primitiva de capital gerada pelos consecutivos saldos positivos da exportação bonaerense, surgiria no nosso entendimento, uma classe oligárquica que, no aumento do seu poder, se questionou entre impor, ou não, resistência ao plano de anexação da maior potência mundial da época: a Inglaterra.

Na primeira parte deste artigo, pensaremos a questão europeia, onde as conquistas napoleônicas obrigaram a Inglaterra a procurar novos mercados e conexões. Aqui, as ideias do liberalismo clássico e a defesa do livre comércio, assim como as da Revolução Francesa e o ideal de emancipação serão brevemente analisadas para pensar como tiveram repercussão deste lado do oceano. Na segunda parte, refletiremos sobre o lugar geopolítico da Espanha no Sistema Internacional, enfatizando sua decadência, que abriu espaço para as invasões britânicas e para a formação da defesa da cidade e, com isso, a percepção da possibilidade da independência. Na terceira seção, nos dedicaremos às duas invasões britânicas (1806 e 1807) propriamente ditas a partir do viés da nossa disciplina. Não pretendemos fazer um reconto histórico sobre as batalhas ou uma descrição detalhada das estratégias militares de cada lado. O objetivo é pensar as duas invasões atreladas a uma questão tão velha quanto atual, que é o debate entre monopolistas e livre-cambistas, à defesa da cidade e as consequências que ambas as invasões tiveram para o povo argentino. Finalmente, faremos algumas considerações finais.

1 Tradução nossa: (...) eu espero (...) evitar os grandes monopólios que nesta parte, tenho notícias, se executam nesta capital, por aqueles homens que desprendidos de todo amor pelos seus semelhantes, somente aspiram a seu interesse particular, e nada importa a eles que a classe mais útil ao Estado, ou como dizem os economistas, a classe produtiva da sociedade, viva na miséria e na nudez, que é consequência destes procedimentos.

O Rio da Prata entre a dinâmica de competência das potências: Europa é para França e os mares para Inglaterra

A própria existência do Vice-reino do Rio da Prata (1776-1816) esteve determinada pelo tipo de inserção dessa unidade político- econômica na lógica do Sistema Internacional, comandado pela Inglaterra e a França no final do século XVIII e início do século XIX. A luta pela supremacia hegemônica entre as duas potências foi decisiva para a Bacia do Rio da Prata antes mesmo desta se tornar politicamente independente. Inclusive esta independência também aflora como uma resposta aos eventos europeus articulada com os interesses das elites locais. Precisamos lembrar que, desde 1782 e até 1815, a Europa esteve permanentemente em guerra. Napoleão Bonaparte passou de um grande revolucionário, defensor e impulsor das ideias da Revolução Francesa, a um imperador expansionista que não hesitou em estabelecer um forte bloqueio continental aos seus inimigos, os ingleses. Essas ações de Napoleão foram muito bem-sucedidas e colocaram a Inglaterra em uma situação pelo menos peculiar: precisava encontrar destino para as suas manufaturas, produto de sua, cada vez mais abrangente, Revolução Industrial. Tratava-se de uma questão vital, que carecia de resolução imediata. Por isso, alguns autores como Horowicz (2016) enfatizam as razões puramente materiais das invasões britânicas a Buenos Aires, e chegam até a advertir que só não houve uma terceira invasão (ou mesmo uma colonização da Bacia por parte dos ingleses) porque o expansionismo napoleônico atingiu a Espanha e Portugal; e o esforço bélico desses dois países junto com a Inglaterra teria tirado o foco dessa última, da distante região platina.

A consequência direta do bloqueio continental francês foi a concentração da Inglaterra em procurar novos mercados por via marítima. A expansão bonapartista que atingiu os territórios portugueses e espanhóis teve dois efeitos imediatos nas colônias americanas: 1) a formação de “Juntas” no Vice-Reino do Rio da Prata, que entre ideais independentistas, muito achegados à ideia republicana francesa, queriam se libertar da decadente Coroa Espanhola; e 2) a necessidade de aumentar o comércio internacional e com isso a propagação das premissas do livre comércio advogado pela Inglaterra, que vive a sua Revolução Industrial. Nessa dinâmica, começa o velho debate entre os platinos divididos entre os defensores do monopólio espanhol e os do livre comércio inglês (que também monopolizava, embora com outro discurso). Nesse sentido, duas questões atravessam toda a historiografia da Bacia do Prata neste marco cronológico: 1) a relação com a Inglaterra, e 2) a influência francesa.

Em princípio, precisamos refletir sobre os impérios e sua necessidade constante de aquisição de território, já que a expansão é um movimento que obedece à lógica do próprio Sistema, e à própria concepção da sua sobrevivência. Neste sentido, toma vital importância o capital e todos os desdobramentos que dele se fazem. Interessante é a contribuição dos mercantilistas, que entendem a expansão comercial essencial para a acumulação acelerada de riqueza de um Estado, definido como a autoridade política que constitui um território, ou seja, poder e riqueza dentro de um território, em um ambiente claramente competitivo. Os mercantilistas, sobretudo por sua preocupação com a construção e expansão do Poder que a riqueza (e o intercâmbio comercial) poderia oferecer, tiveram grande influência sobre as elites. Cabe lembrar que a expansão do capital tem inflexão desde o século XVI (justamente com a colonização americana). A procura de posições privilegiadas e monopólios, ou, no melhor dos casos, o exclusivismo, são desde então motores para a alocação de produtos. Neste sentido, já desde essa época, as atividades comerciais se revelam fundamentais para a expansão do próprio Estado. Não via abertura de mercados, mas via obstrução do mesmo, bloqueando possíveis concorrentes na procura de menor competição para obter lucros extraordinários. Trazemos à tona os mercantilistas porque mais uma preocupação deles conversava com as invasões britânicas: como financiar a guerra? Esta era capaz de fornecer territórios e vantagens, uma vez que esse

novo território poderia ser tributado, forçado a reproduzir a moeda do invasor e teria também dívida pública na moeda do invasor. A lógica da conquista territorial está, assim, entrelaçada com a lógica de expansão comercial, sendo que quem tem mais território, tem mais possibilidades de conquistar maior poder. Petty revela este pensamento quando declara que “*Os súbditos do Rei da Inglaterra têm capitais suficientes e disponíveis para movimentar o comércio de todo o mundo*” (Petty, [1690] 1996, p.197). Vê-se nesta frase a lógica expansiva do pensamento mercantilista. Outro inglês que influenciará o pensamento econômico político internacional, mas já na escola do pensamento liberal clássico, é Adam Smith, quem no seu famoso “*A riqueza das Nações*” (1776), no capítulo dedicado às colônias, também concorda com a importância da expansão territorial, que além de exercitar as práticas extrativistas, possibilita ao colonizador estabelecer rotas de comércio cada vez mais sofisticadas e ampliar, assim, seu poderio a nível mundial. Dito de outra forma, o colonialismo de Adam Smith aparece como um atalho para conquistar posições privilegiadas e obter lucros extraordinários, em um jogo de soma zero que procura a promoção de excedentes constantemente. As ideias de divisão internacional de trabalho de Smith e das críticas a ele que David Ricardo faz (no sentido de repensar a vantagens absolutas para transformá-las no conceito de vantagens comparativas do comércio internacional), assim como as ideias políticas de abrir os mercados e advogar a defesa do livre comércio tiveram um impacto enorme nas classes agropecuárias bonaerenses que, desde o início da sua acumulação primitiva de capital, esteve intimamente relacionada com a burguesia inglesa.

Aqui aparece outro elemento que não podemos deixar passar e que permitiu a tardia inserção no Sistema Internacional das unidades político-econômicas que formam a Bacia do Rio da Prata. Trata-se da Revolução Industrial, que podemos situar de maneira abrangente entre 1760 e 1830, ainda que existam diferenças cronológicas entre alguns autores - por exemplo, Hobsbawm estabelece o período como sendo de 1780-1840, Phyllis Deane de 1750-1850, Ashton de 1760-1830, Landes de 1760-1860; e Barbosa de Oliveira desde fins do século XVIII até 1830 (Mazat, 2016), ou mesmo Arrighi (1995) posiciona Londres como centro da economia mundial de 1780 e impulsora desse processo revolucionário industrial. Assim, a Revolução Industrial modifica relações sociais, muda as formas de acumulação, quebra paradigmas em termos de acumulação acelerada de capital e promove a proteção da propriedade privada da mão do cercamento das outrora terras comuns, promove a confiscação de direitos dessas terras comunais, assim como gera uma nova espécie de arrendamento e novos métodos agrícolas que gerem maior lucro para os novos donos dessas propriedades. Karl Polanyi (2012) foi um dos intelectuais mais preocupados com os efeitos desse “*moinho satânico*”, e chamou atenção para o fato de que a revolução agrícola antecede a Revolução Industrial (justamente com o cercamento das terras e os outros elementos que já mencionamos).

Alguns dos fatores que facilitaram esse processo na Inglaterra foram: 1) o efeito renda dos tecidos de algodão (alta elasticidade da demanda); 2) o algodão barato trazido da economia escravista dos Estados Unidos, uma vez que a diminuição do custo da matéria prima aumenta consideravelmente a rentabilidade; 3) o sucesso da carreira colonial inglesa; 4) a melhoria nos transportes marítimos (e a leveza dos tecidos); e finalmente 5) o crescimento demográfico (Crespo, 2016). Clark (2007) identifica o início desta era em 1760, com o advento de quatro tipos de revoluções: 1) a agrícola, 2) a propriamente industrial, 3) a demográfica e 4) a do transporte. E perpassando todas elas aparecem os seguintes “*elementos revolucionários: o algodão, o vapor e a produção sistemática das máquinas, o ferro e o aço, as ferrovias e os navios, o carvão, tudo isto encapsulado em um fantástico processo de inovação*” (Crespo, 2016). Estas transformações propiciam o aumento do comércio internacional, em uma escala totalmente nova. Neste sentido, “*a Argentina é filha do vapor*” (Crespo, 2016) porque só assim, com todos esses elementos é que o país se insere no Sistema Internacional.

A Revolução Industrial coincide com a Guerra dos Sete anos e com as Guerras napoleônicas, e resulta na hegemonia inglesa e na principal potência colonial. Contudo, não perdemos de vista que a verdadeira revolução é a mudança da matriz energética, por meio da qual transitou-se do uso de energias de fontes orgânicas (madeira) ao fóssil (carvão), o que, justamente, alavancou as outras atividades que facilitaram o

transporte, que, por sua vez, contribuiu para a promoção do comércio. A revolução tecnológica é parte deste processo, embora “*a incorporação generalizada das invenções ao processo produtivo não venha da dinâmica das inovações tecnológicas, mas das necessidades de atender demandas específicas cada vez maiores*” (Mazat, 2016). Tudo isto muda o Sistema do Comércio Internacional, conferindo estrutura e poder ao Estado e gerando a divisão internacional de trabalho defendida pelos liberais clássicos. Destarte, essas questões são de vital importância no nosso caso de estudo para entender como a questão pecuária, primeiro com o comércio de couro, o sebo, e logo com o charque, é a grande responsável da inserção capitalista da Bacia do Rio da Prata no Sistema Internacional. Há, sem dúvidas, uma adoção dessas ideias liberais atreladas à Revolução Industrial por parte das elites de fazendeiros de finais do século XVIII e início do século XIX na região platina e em Buenos Aires em particular. Ainda mais, “*a demagogia estava nas ideias liberais em expansão pela América Latina*” (Menezes, p. 13, 2013).

Outras ideias também começavam a tomar relevância. Eram as de independência e as da República. Isto porque as desigualdades entre espanhóis ou peninsulares, e os *criollos*² ou descendente de espanhóis nascidos em território americano, entre as quais se destacavam o direito de comercializar, ou de aceder a altos cargos governamentais ou ao clero, e que se refletia na fortuna material dos espanhóis, atingiu seu ponto mais álgido no final do século XVIII. Nesse sentido, as ideias da Revolução Francesa tiveram algum grau de influência, embora, segundo Horowicz (2016) essas ideias tivessem sido muito limitadas porque não incluíam mais da metade da população, que eram índios, gaúchos, negros ou mestiços. Contudo, para os *criollos*, que estavam ansiosos por participar sem tantas restrições no comércio platino com a Europa (não só a Espanha, mas especialmente Inglaterra), as ideias de igualdade eram atrativas, ainda mais aquelas referidas à própria emancipação, embora não houvesse unanimidade sobre como, ou mesmo se era fundamental livrar-se da Espanha. Um dos patriotas revolucionários adepto às ideias da Revolução Francesa e que teve lugar destacado na Primeira Junta foi o advogado Mariano Moreno (1778-1811), que se desempenhou como secretário. Moreno encontrou na ala conservadora liderada pelo presidente da 1ª Junta, Cornélio Saavedra, líder dos Patrícios - milícia armada que nasceu como resultado das invasões britânicas -, uma forte resistência. Moreno, assim como Manuel Belgrano (1770-1820), promovia a independência absoluta da Espanha, apoiava métodos mais eficazes para concretizar os objetivos da revolução, defendia a expropriação de bens espanhóis para a criação de engenhos e fábricas, apoiava as insurreições na Banda Oriental e no Brasil, acreditava na República e tinha um profundo sentimento de pertencimento e simpatia às classes mais baixas, em especial aos gaúchos e aos índios.

Los criollos que acudían a España para cursar sus estudios no regresaban con las mismas ideas con las que habían partido, todos traían la influencia más o menos marcada de esas nuevas ideas que circulaban en Europa. El joven Manuel Belgrano no fue una excepción, entre 1786 y 1794 pasó por Salamanca, Madrid y Valladolid. De ahí su célebre frase: “se apodera de mí las ideas de libertad, igualdad, seguridad, propiedad...” En mayo de 1794 el auge mercantil de Bs As hizo que la corona [española] instalara un Consulado de Comercio en esta ciudad, y a pesar de los conflictos generados se transformó en una usina de difusión de los principios económicos renovadores. La principal figura fue su secretario Manuel Belgrano. Por lo tanto, estas “ideas subversivas” junto a la influencia de la Ilustración modificaron el sistema colonial y monárquico, y paulatinamente fueron apareciendo nuevos personajes que iban desarrollando la idea de una posible independencia. (MONTIEL, p. 15, 2000)³

2 Não iremos a utilizar a palavra em português “crioulos”, para que não se confunda com a significação que o termo tem no Brasil.

3 Tradução nossa: Os *criollos* que viajavam para Espanha para realizar seus estudos, não regressavam com as mesmas ideias que tinham partido, todos traziam a influência mais ou menos marcada dessas novas ideias que circulavam na Europa. O jovem Manuel Belgrano não foi uma exceção, entre 1786 e 1794, passou por

O lugar da Espanha no tabuleiro geopolítico: as condições que facilitaram as invasões britânicas

A conquista de novos territórios fora do espaço europeu, isto é, de espaços africanos, asiáticos e americanos por parte de unidades estatais europeias gerou uma revolução no Sistema Internacional, envolvendo uma série de aspectos, entre os mais evidentes, o alargamento do poder da Europa - alguns autores, entre eles Bairoch (1982), asseguram que esse movimento gerou a “Grande Divergência” - sobre o resto do globo e a constante competição entre essas unidades, não só por esses novos espaços, mas também pelas rotas que permitiam a expansão do comércio e do poder de tais unidades. Neste sentido, é interessante pensar o lugar da Espanha no tabuleiro geopolítico, uma vez que o território platino em alguma medida é herdeiro dessas tradições e interesses.

A expansão ibérica espanhola (e também portuguesa⁴) obedece à necessidade de novos mercados, entendidas a partir de uma lógica extrativista e colonizadora, para enfrentar os altos custos das guerras europeias e o poder das diferentes potências, sejam as províncias italianas ou as Sete Províncias Unidas dos Países Baixos, assim como outras unidades que já se perfilavam como novos centros: França e Inglaterra. Por outra parte, a geoestratégia da Espanha no Novo Mundo se revelou essencial para a sua projeção na Europa e no Sistema Internacional em geral. Em 1513, a coroa castelhana assumiu a custosa e nada prometedor tarefa de tentar achar uma passagem interoceânica para o Oriente, mas, vendo as dificuldades, as “Índias” - como era chamada América na Espanha - foram declaradas de interesse público e nacional e incorporadas formalmente ao Império, inclusive, em 1524, até foi formado um Conselho das Índias. A partir disso, a criação de unidades que representavam a autoridade dos reis de Castilha começaram a ter lugar na configuração econômica e política do Novo Mundo espanhol. Referimo-nos aos Vice-Reinos. Esta divisão orgânica foi fundamental para a formação e surgimento dos Estados nacionais que nascem na América hispânica no século XVIII e XIX. Talvez nessa primeira divisão de Vice-Reinos apareça uma diferença crucial em relação ao Brasil, que, embora mais tarde fosse dividido em capitanias, sempre permaneceu como uma unidade estatal única, diferentemente dos vizinhos, que viveram guerras civis e de independência que fracionaram os territórios.

Retomando à questão espanhola, foi preciso estabelecer limites entre as novas terras e chegar a um entendimento comum entre ambos os Impérios. Neste sentido, destacam-se os Tratados de Alcáçovas-Toledo (1479) e o Tratado de Tordesilhas (1494). O primeiro estabelecia o reconhecimento espanhol sobre as terras conquistadas por Portugal na costa africana, e o segundo estabelecia uma linha que dividia a América entre o que seria considerado propriedade espanhola, e o que seria propriedade portuguesa, divisões de grande parte do mundo feitas e decididas assim sem mais, alavancadas pelo poder de cada império. Essa divisão estabelecida pelos dois tratados, apartou o mundo em um claro corte horizontal e outro vertical, entre o que seria de domínio espanhol e de domínio português. Braudel (1884) chamou a atenção para o fato de que, além dessa divisão geopolítica, o Tratado de Alcáçovas dava a Portugal o monopólio de escravos, questão que repercutiu na formação e desenvolvimento da produção de cana de açúcar. Podemos

Salamanca, Madrid e Valladolid. Daí a sua famosa frase: “se apoderam de mim as ideias de liberdade, igualdade, segurança e propriedade...”. Em maio de 1794, no auge mercantil de Buenos Aires, a coroa [espanhola] instalou um Consulado de Comércio nessa cidade, e a despeito dos conflitos gerados, transformou-se em uma usina de difusão dos princípios econômicos renovadores. A principal figura foi seu secretário Manuel Belgrano. Por tanto, essas “ideias subversivas” junto com a influência da Ilustração, modificaram o sistema colonial e monárquico, e lentamente foram aparecendo novas personagens que iriam desenvolver a ideia de uma possível independência.

4 Contudo, as estratégias de Portugal e da Espanha foram diferentes entre si. Em princípio, o foco de interesse de Portugal estava na costa africana e no Oriente porque era ali que se assentava a prática extrativista e onde impunham condições para o comércio monopólico com Portugal. A aventura para as Américas resultava, para a coroa portuguesa, menos interessante e muito arriscada. Por isso, o desembarco definitivo para o Brasil foi relativamente tardio, e respondeu mais a uma necessidade defensiva de Portugal em relação à Espanha e às outras unidades europeias, que cada vez tinham mais interesse nas novas terras.

perceber que a Espanha se encontrava em um esquema de competição de expansão territorial, que, por sua vez, respondia a um esquema maior, no qual a conquista territorial de índole colonial era prática das potências. Assim, a grande invenção dos Habsburgos foi mudar a escala da guerra vinculando-a com uma forte estrutura estatal feudal e uma potente burocracia real. Quando os Bourbon chegaram ao poder, essa estrutura já estava em decadência. Horowicz chamou a atenção para essa questão.

Es preciso no confundir Borbones con modernización americana, se trató del efecto que el mercado mundial capitalista impuso a sociedades pre-capitalistas con las que mantenía importantes intercambios mercantiles. Por eso, pero no sólo por eso, los Borbones significaron, envilecimiento de las condiciones de trabajo, extenuación de la mano de obra servil y degradación biológica. El motivo de tan importante mutación está determinado por la reducción de territorios saqueables.⁵ (Horowicz, p.47, 2016)

Nesse ponto, “*A Espanha deve, primeiro, libertar-se de suas superstições, do seu absolutismo e dos seus claustros*” (LIST, [1827] 2009, p.118). Nesse estado de coisas, a decadência da Casa Bourbon assiste à ascensão portenha em meio a tantas outras cidades-estados hispânicas. Exemplo disso é, como assegura Romero (1975), que menos de 50 anos da segunda fundação⁶ de Buenos Aires, a cidade já revelava a sua importância geoestratégica em detrimento, primeiro de Assunção, depois de Lima e Potosí. A inserção da cidade no esquema do Império espanhol surge bem específica: devia prover couro, charque e sebo para o Brasil e, em troca, o Brasil lhe enviava ferro europeu e escravos africanos. Nesta operação houve certo sucesso e gerou-se assim um triângulo entre Lima (que abastecia de metais), Brasil e Buenos Aires. O triângulo Lima-Buenos Aires-Brasil alarmou a Coroa Espanhola, que mandou fechar o porto de Buenos Aires para evitar ficar por fora do monopólio ou do controle absoluto das suas colônias. Contudo, essa tentativa não funcionou. Pelo contrário, o que aconteceu foi a substituição de Lima por Sevilla no círculo Sevilla-Buenos Aires-Brasil (Céspedes del Castillo, 1983), e Buenos Aires continuou crescendo a partir do desvio de metais e do não cumprimento das leis monopólicas espanholas, ou seja, por meio do contrabando. A Coroa, já seriamente preocupada, mandou a proibir a saída de prata pelo porto de Buenos Aires. Também não funcionou. Em 1680, quando Portugal conquistou novamente a sua independência, a coroa portuguesa fundou a Colônia de Sacramento e então rivalizou definitivamente com Buenos Aires, que se tornou progressivamente a cidade mais representativa de todas as do Vice-reino.

O Império espanhol tentou, mais uma vez, conter um movimento que parecia sair do seu controle, não só porque era realmente difícil de controlar, mas também porque, como já apontamos, a decadência do Império Espanhol era gritante e a pressão inglesa e das outras potências europeias era cada vez mais forte. Sendo assim, foi proclamado, em 1778, um novo regulamento para as províncias, chamado: *Reglamento y Aranceles Reales para el Comercio Libre de España a Indias*, que flexibilizou em alguma medida o comércio interprovincial, o que era uma novidade (antes era totalmente proibido, embora acontecesse de qualquer forma), e muito importante: permitia o livre comércio do Rio do Prata com a Espanha e 13 portos espanhóis na América. Também especificava algumas outras questões como: a proteção de produtos espanhóis, o aumento de tarifas para produtos estrangeiros, o combate ao contrabando, a delimitação

5 Tradução nossa: É preciso não confundir os Borbones com a modernização americana, tratou-se do efeito que o mercado mundial capitalista impôs às sociedades pré-capitalistas com as quais mantinha importantes intercâmbios mercantis. Por isso, mas não só por isso, os Borbones significaram a piora das condições de trabalho, a exaustão da mão de obra servil e a degradação biológica. O motivo de tão importante mutação esteve determinado pela redução dos territórios que podiam ser saqueados.

6 A primeira fundação levada adiante por Pedro de Mendoza em 1536 não teve sucesso pelos constantes ataques das populações originárias. A própria população espanhola destruiu a cidade e fugiu. A segunda fundação de Santa Maria del Buen Ayre foi responsabilidade de Juan de Garay, que decretou o novo nascimento da cidade no 11 de junho de 1580, com uma população de 70 pessoas, 60 vindos de Assunção e só 10 espanhóis. Nesse momento a cidade pertencia ao Vice-Reino do Perú, cuja capital era Lima.

de rotas terrestres das colônias com a Espanha, ou seja, autorizaram rotas específicas e proibiram abrir novos caminhos sem autorização real (Céspedes del Castillo, 1983). Contudo, a nova política que procurava anular os focos de contrabando e evitar a penetração inglesa e portuguesa acabou centralizando a saída de produtos em Buenos Aires. O que, paradoxalmente, quadruplicou o contrabando de couros e sebos, e converteu a cidade de Buenos Aires em entidade política com vida própria (Horowitz, 2016).

Entre 1772 y 1776, es decir antes de declarase el comercio libre [con España], entraron al Puerto de Buenos Aires 5 embarcaciones; entre 1792 y 1796, después de declarado, entraron 395. La destrucción de Sacramento, Malvinas y Santa Catalina como centros contrabandistas y la vigilancia extrema de las costas hicieron que el comercio se concentrara en un puerto único.⁷(PUIGGRÓS, p. 45, 2006)

Os ingressos da alfândega de Buenos Aires superaram os de Lima, e esse fato já marcou a emancipação da cidade do Vice-Reino do Peru, que foi admitida, em 1776, com a fundação do Vice-Reino do Rio da Prata.

Buenos Aires pasaba a ser así la cabeza administrativa de la más extensa posesión española. Había ganado esa posición en ardua lucha de casi dos siglos. La tendencia hacia la libertad de su comercio triunfó del monopolio y los prosaicos cueros de sus campañas hicieron olvidar los sueños de los días heroicos y apagar el brillo de los metales preciosos. El Rio de la Plata entraba triunfalmente en la historia del comercio mundial.⁸(PUIGGRÓS, p. 46, 2006)

Embora economicamente Buenos Aires se destacasse entre as demais cidades do Vice-Reino, a situação estava longe de ser confortável e pacífica. Os *malones* - assim chamados os ataques inesperados dos índios, que respondiam às expropriações dos seus territórios e ao crescente genocídio do seu povoeram violentíssimos, assim como eram comuns assassinatos, alta mortalidade e baixa natalidade pelas condições de vida, sequestros de mulheres brancas, incêndios e escassez de comida. Nesse cenário, a cidade teve de enfrentar, em duas ocasiões, em 1806 e 1807, as invasões britânicas. Como venceu e o que resultou desses eventos foram fatores determinantes para a conformação do moderno estado argentino.

As duas invasões britânicas: Monopólio versus livre-comércio

Os defensores do monopólio espanhol eram um poderoso grupo de contrabandistas espanhóis, como Martín Álzaga (1755-1812), por exemplo, importante figura na História argentina pelo seu papel na procura da desestabilização da 1ª Junta e dos movimentos independentistas e também pela defesa de Buenos Aires perante as invasões britânicas. Do outro lado, estavam os que eram favoráveis ao livre-comércio, especialmente os *criollos* cansados de pagar a alta tributação à Coroa

7 Tradução nossa: Entre 1772 e 1776, ou seja, antes de se declarar o comércio livre (com a Espanha) entraram no Porto de Buenos Aires 5 embarcações; entre 1792 e 1796, depois de declarado, entraram 395. A destruição de Sacramento, Malvinas e Santa Catarina como centros contrabandistas e a vigilância extrema das costas, fizeram com que o comércio se concentrasse em um único porto.

8 Tradução nossa: Buenos Aires passava a ser assim a cabeça administrativa da mais extensa possessão espanhola. Tinha ganhado essa posição em uma dura luta de quase dois séculos. A tendência à liberdade de seu comércio triunfou sobre monopólio, e os prosaicos couros das suas campanhas fizeram esquecer os sonhos dos dias heroicos e apagar o brilho dos metais preciosos. O Rio da Prata entrava triunfalmente na história do comércio mundial.

Espanhola e que viam não ter o mesmo direito que os monopolistas. Contudo, é bom esclarecer que não se tratavam de grupos homogêneos e separados, e que muitas vezes se misturavam, dependendo da mudança dos acontecimentos.

Por aqueles anos, Hamilton afirmou que “*o monopólio é um grande inimigo da boa administração econômica*” (HAMILTON, [1791] 2009, p. 75). Se a afirmação é geral (e bem se aplica ao monopólio espanhol), tal sentença se refere na verdade ao monopólio inglês, já que, contraditoriamente, a ideia do livre-comércio (tão pregada pela Inglaterra) encerra também a ideia de monopólio, tanto que a Escola do Sistema Americano de Economia Política contemporânea aos eventos das invasões britânicas a Buenos Aires, já advertia sobre os planos ingleses.

A economia nacional inglesa tem por objetivo produzir manufaturas para todo o mundo, monopolizar todo o poder manufatureiro, mesmo às expensas das vidas de cidadãos, para manter o mundo e, especialmente, as suas colônias, em um estado de infância e vassalagem pela administração política, bem como pela superioridade de seu capital, de suas capacidades e de sua Marinha de Guerra. (LIST, [1827] 2009, p.97)

Contudo, a grande maioria dos *criollos* preferia se desvencilhar das amarras espanholas e tentar sorte com as promessas inglesas. Isto porque embora a Espanha tenha flexibilizado um pouco seu estatuto em 1778, não permitia o comércio a não ser com a metrópole ou com algumas cidades hispano-americanas do Império. Neste ponto, é como diz Horowitz (2016), “*los ingleses presionaban todo el tiempo hacia la libertad de comercio, los españoles resistían todo lo que podían a la libertad de comercio*”⁹(Horowitz, p.81, 2016). Tratava-se de duas visões de mundo contraditórias em que, aos poucos, foi vencendo a Inglaterra. Parte da dinâmica para obrigar a abertura do comércio platino foram as duas invasões britânicas. “*En rigor, las invasiones inglesas al Rio de la Plata son la continuación de la guerra entre España, Francia y Gran Bretaña sobre otro escenario*”¹⁰ (Horowitz, p.75, 2016). Isto porque as invasões britânicas obedecem, em primeiro lugar, a uma resposta à negação da vitória da Batalha de Trafalgar (21/10/1805) que fez Napoleão Bonaparte, logo do seu triunfo sobre o exército austro-prussiano, aliado da Inglaterra, na Batalha de Austerlitz. Depois dessas batalhas e do bloqueio continental francês à Inglaterra (que, como vimos, se encontrava em plena Revolução Industrial), navios britânicos foram enviados para a Colônia do Cabo, hoje África do Sul, que se encontrava sob domínio francês. Estando ali, os soldados ingleses receberam a notícia de que em Buenos Aires encontrava-se o tesouro da cidade que iria ser embarcado para a Espanha em breve. E como diria Oscar Wilde: pode-se resistir a tudo, menos à tentação.

A essa notícia somava-se outra realidade. Em 1806, apenas três décadas da fundação do Vice-Reino do Rio da Prata, a sua estrutura militar encontrava-se deteriorada. O Império Espanhol, como salienta a maior parte da historiografia, mostrava decadência e absoluta pobreza, tinha muita dificuldade em controlar os vice-reinos, assim como o próprio território no continente europeu, que era altamente desunido, não só culturalmente, como também em questões bem práticas, como por exemplo nas altas tarifas alfandegárias entre as diferentes regiões espanholas. Não obstante, Peña (2012) assegura que “*poucos querem ver que na Espanha não tinha nenhuma decadência, senão um permanente raquitismo do seu desenvolvimento econômico*” (PEÑA, 2012, p. 42) [tradução nossa], e aponta que faltou nesse país uma revolução democrática burguesa, como aconteceu na Inglaterra, na França, e mais tardiamente na Alemanha e nos EUA, fator essencial para a promoção da indústria moderna. Além disso, o cenário da Europa se agravava e a Inglaterra continuava a adotar como estratégia essencial forçar a abertura dos

9 Tradução nossa: os ingleses pressionavam o tempo todo para a liberdade de comércio, os espanhóis resistiam tudo o que podiam a essa liberdade de comércio.

10 Tradução nossa: Estritamente, as invasões britânicas ao Rio da Prata são a continuação da guerra entre a Espanha, França e Grã Bretanha sobre outro cenário.

portos de Buenos Aires e Montevideu (e obedecendo a velhos costumes, aproveitar a empreitada para ficar com tesouros alheios) porque, “(...) o objetivo [da Inglaterra] é o de contra-arrestar as potências continentais da Europa e monopolizar o mercado sul-americano” (LIST, [1827] 2009, p.140).

Sendo assim, no dia 24 de junho de 1806 chegaram em 12 navios 1.200 soldados britânicos que desembarcaram em Buenos Aires, não encontrando nenhuma resistência. Tomaram a cidade, enquanto o vice-rei, Rafael de Sobremonte (1745-1827), tentava fugir para Córdoba com toda a arrecadação do governo portenho: 1.291.323,00 pesos de 1806. No caminho, o fugitivo foi interdito pelos ingleses, que roubaram o tesouro, posteriormente repartido entre os militares ingleses e o Banco da Inglaterra. A somatória de toda a pilhagem resultou em 5 toneladas de prata levadas junto com os invasores, exibida em passeata nas ruas de Londres.

Se a chegada dos ingleses não sofreu resistências e foi até bem-vinda pela oligarquia, foi desprezada e combatida pelos setores populares que foram organizados em milícias,¹¹ chamadas de Regimento dos Patrícios,¹² conduzidas por Santiago de Liniers (1853-1810) e que derrotaram os invasores e os expulsaram em 12 de agosto de 1806, após 8 dias de batalha. Entretanto, os ingleses foram donos de Buenos Aires desde a noite do 27 de junho até a sua expulsão no 12 de agosto, ou seja, durante 46 dias governaram Buenos Aires, e nesse interim: 1) suprimiram o monopólio espanhol; e 2) eliminaram todos os impostos alfandegários para os produtos britânicos.

La ‘única’ novedad que introdujo Beresford fue la libertad de comercio, ahora estrictamente legal. Tal libertad no constituía un acto de cosmética política, como el intercambio dependía del tráfico marítimo inglés y el sistema tributario que lo organizaría dependería de Su Majestad Británica, la posibilidad misma del contrabando se esfumaba y el bloque colonial perdía peso.¹³ (Horowicz, p.69, 2016)

A segunda invasão inglesa ocorreu menos de um ano depois, em junho de 1807, (antes invadiram Montevideu) e dessa vez o número de invasores foi 10 vezes maior que a anterior. Chegaram às costas bonaerenses 12 mil soldados britânicos. A defesa da cidade foi novamente encabeçada e bem-sucedida por Liniers. O sucesso o levou a ser nomeado Vice-Rei, sem a autorização espanhola e por pressão da população, o que revela a prematura participação popular.¹⁴ Contudo, o movimento independentista já estava sendo gestado e Liniers acabou sendo executado três anos mais tarde, pelos milicianos que o ele próprio tinha abraçado, justamente porque o grande herói da defesa de Buenos Aires era contrarrevolucionário e lutava ao lado dos realistas espanhóis pela manutenção da colônia.

A literatura argentina é prolífica na descrição das duas invasões, especialmente narrando a bravura dos populares portenhos, que, não tendo nenhum tipo de defesa sofisticada, conseguiram expulsar os invasores, mais uma vez. São conhecidos os relatos sobre pessoas jogando óleo quente das sacadas ou tetos das suas casas (o que é um exagero, embora se saiba que, segundo contam as crônicas da época,

11 Como dado curioso, Juan Manuel de Rosas, quem dividiu o Rio da Prata entre federalistas e unitários entre 1832 a 1852 e que foi sem dúvida a maior personagem da história da Argentina do século XIX, participou na defesa de Buenos Aires nas duas invasões, com apenas 13 anos. Segundo as suas memórias, esta experiência lhe causou enorme impressão e foi decisiva na formação do seu caráter.

12 A *Legión de Patrícios Voluntarios Urbanos de Buenos Aires*, ou em português: a Legião de Patrícios Voluntários Urbanos de Buenos Aires, foi formada no 15 de setembro de 1806 logo após o chamado de Santiago de Liniers a todos os homens para a defesa da cidade da primeira invasão inglesa. Os Patrícios ainda existem e suas funções atuais são mais voltadas ao papel de cerimônia de escolha do Chefe de governo da cidade de Buenos Aires [prefeito], e no recebimento de presidentes ou personalidades do exterior quando visitam a Argentina. Também fazem custódia no Cabildo de Buenos Aires, e eventualmente participam de missões de paz e treinos de combate.

13 Tradução nossa: A ‘única’ novidade que introduziu Beresford foi a liberdade de comércio, agora estritamente legal. Tal liberdade não constituía um ato de cosmética política, já que o intercâmbio dependia do tráfico marítimo inglês e o sistema tributário que organizaram dependeria de Sua Majestade Britânica, a possibilidade mesma do contrabando se desvanecia e o bloqueio colonial perdía peso.

14 Nessa participação popular se incluí a da população afroargentina, sempre esquecida e/ou ignorada. Sabe-se, segundo Schávelzon (2003), que pelo menos 70 negros escravos foram libertos pelos seus serviços na defesa da cidade nas duas invasões britânicas. Outro dado não menor é que por aquela época, no início do século XIX, a população negra em Buenos Aires era de aproximadamente de 35%.

jogava-se água fervendo), mulheres arrancando os olhos dos soldados britânicos, passarelas subterrâneas, a lama vermelha pelo sangue dos soldados britânicos, e outras histórias que dão mostra do visceral rechaço que sentiram os portenhos pela invasão. Uma descrição interessante é a do capitão britânico Alexander Gillespie, quem narra quando uma camareira grita a soldados espanhóis a seguinte frase:

Desearía, caballeros, que nos hubiesen informado más pronto de sus cobardes intenciones de rendir Buenos Aires, pues apostaría mi vida que, de haberlo sabido, las mujeres nos habríamos levantado unánimemente y rechazado los ingleses a pedradas.¹⁵ (GILLESPIE, 1986)

As invasões britânicas mostram, em primeiro lugar, a debilidade das autoridades espanholas, que eram muito eficazes no recolhimento do tributo, mas extremamente ineficientes na defesa dessa parte da colônia. Logo, a formação das milícias deixa claro que há um novo componente para sustentar as ideias republicanas e a mudança estrutural que levaria aos movimentos independentistas.

Como consequência desses dois enfrentamentos contra a ameaça estrangeira, os habitantes de Buenos Aires e de Montevideú, onde esteve o centro à resistência ao invasor inglês, adquiriram consciência de sua capacidade de atuar por iniciativa própria na defesa de seus interesses, sem contar com o apoio da metrópole espanhola. (...) Portanto, a situação europeia repercutiu, no Rio da Prata, como instrumento catalisador para o processo de independência. (Doratioto, p. 15, 2014)

Com as invasões britânicas, a Bacia do Rio da Prata ficou definitivamente incorporada ao Sistema Internacional e ao conflito entre França e Inglaterra. Em 1809, os ingleses e a Junta de Sevilha estabelecem um acordo que obrigou as posições americanas a abrirem-se aos produtos ingleses. O vice-rei Cisneros assinou o acordo e se registrou o crescimento da economia de Buenos Aires. No dia 20 de maio de 1810, a Junta de Sevilha caiu e, nessa mesma noite, um grupo de destacados *criollos* exigiu que Cisneros convocasse um *Cabildo* Aberto. O terreno já estava arado para a emancipação.

O crescimento econômico de Buenos Aires e sua proeminência em relação a todas as províncias do Vice-Reino do Rio da Prata fizeram da cidade-estado uma fonte de lucro nada desprezível para a Inglaterra. Entre as consequências mais diretas das duas invasões está a formação do Regimento dos Patrícios, uma milícia que evidenciou o descaso espanhol para a defesa da sua colônia (uma das poucas, senão única, vantagem de ser submetido a um império). Esse descaso contribuiu para a reflexão sobre a possibilidade de emancipação. Contudo, esta ideia não apareceu nem clara, nem de fácil realização. Novamente, os eventos na Europa obrigaram a tomada de decisão, e com a queda da Junta de Sevilha, acelerou-se a declaração e formação da Primeira Junta e, com ela, a criação das Províncias Unidas do Rio da Prata. Buenos Aires foi a província que levou adiante esse processo e, desde então, precisou persuadir (por bem ou por mal) as suas vizinhas sobre a conveniência de permanecerem unidas.

15 Tradução nossa: Desejaria, cavaleiros, que nos tivessem informado mais rapidamente das suas covardes intenções de render Buenos Aires, pois, apostaria a minha vida que se soubéssemos, as mulheres teríamos nos levantado unanimemente e rechaçado os ingleses com pedradas.

Considerações finais

Nestas linhas analisamos brevemente os interesses geoestratégicos das potências Inglaterra, França e Espanha e o lugar de Buenos Aires nessa lógica capitalista de acumulação de capital. As duas invasões britânicas ocorreram como desdobramento dos eventos europeus e encontraram em terras platinas um novo cenário para a disputa de poder e mercados. Assim, Buenos Aires foi mais um território onde a pressão competitiva entre as potências e a busca pela hegemonia teve lugar.

Entre as possíveis razões para as invasões podemos citar: 1) o crescimento de Buenos Aires em relação às demais províncias do Vice-Reino do Rio da Prata (um território enorme, de 5.670.000 km²), alavancado pelo aumento do comércio, legal ou não, de couro, sebo e charque; 2) o interesse britânico nas primeiras duas matérias-primas; 3) a ideia, ainda mais encantadora, de colocar manufaturas britânicas no mercado platino; 4) a decadência crônica da Espanha que facilitou a empreitada britânica e; 5) o apoio da oligarquia bonaerense que acreditava nas ideias liberais da Inglaterra e que via no Império espanhol, atraso e corrupção. Por outro lado, entre as possíveis causas do fracasso das invasões britânicas, podemos pensar: 1) a invasão napoleônica à Espanha e Portugal, que obrigou a Inglaterra a atuar com mais urgência no continente europeu, deixando de lado a dificultosa Buenos Aires; 2) o rechaço visceral dos populares, organizados por alguns espanhóis e muitos *criollos*; que resultou na formação de um exército, anterior ao Estado; e que contribuiu ao surgimento de um imaginário nacional, indispensável para o caminho da independência.

Embora os britânicos foram expulsos e os argentinos se salvaram de ser colonizados por eles, o principal objetivo das duas invasões britânicas foi alcançado. O comércio foi finamente aberto, tanto para a exportação agropecuária preferencial para a Inglaterra, assim como para a importação de manufaturas inglesas, questão que prejudicou às províncias do interior, pela subsequente destruição da produção local. O Império Espanhol foi definitivamente tirado do tabuleiro geopolítico sul-americano, assim como também diminuiu progressivamente a intervenção francesa nesta parte do mundo, ficando a Inglaterra como potência hegemônica indiscutida por - pelo menos - mais um século.

Como vemos, tratamos de temas muito caros à Economia Política Internacional: lutas de poder, geopolítica, comércio/finanças e conflitos/guerras, em um momento histórico bem específico (1806 e 1807), onde tivemos a humilde pretensão de revisá-lo desde uma perspectiva interdisciplinar, com o fim de contribuir ao debate brasileiro sobre uma etapa pouco estudada do que mais tarde viria a ser a Argentina, e que poderia resultar em fascinantes investigações.

Referências bibliográficas

- ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. UNESP, Rio de Janeiro, 1995.
- BAIROCH, Paul. "International industrialization levels from 1750 to 1980", in: *Journal of European Economic History*, Vol. 11, no's 1 & 2, Fall 1982.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo – séculos XV-XVIII*. [1979] São Paulo: Martins Fonte, 1997.
- CÉSPEDES DEL CASTILLO, Guillermo. *América Hispánica (1492-1898): Ambos Mundos*. Barcelona: Labor, 1983. Versión Amazon Kindle.

- CLARK, Gregory. *A Farewell to Alms: A Brief Economic History of the World*. Princeton University Press. UK, 2007.
- CRESCO, Eduardo. Aulas Economia Política II, Segundo Semestre 2016 PEPI/IE/UFRJ. Anotações próprias.
- CRESCO, Eduardo; ALVES DE MESSIAS, Talita. El papel de los conflictos geopolíticos de la cuenca del plata en la formación política y económica de los países de la región. *Ponencia en II Congreso en Economía Política Internacional 2014: Los cambios en la Economía Mundial*. Consecuencias para las estrategias de desarrollo autónomo en la periferia. Universidad Nacional de Moreno, Provincia de Buenos Aires, 2014.
- DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DORATIOTO, Francisco. *O Brasil no Rio da Prata (1822-1994)*. 2ª edição. Brasília: FUNAG, 2014.
- GILLESPIE, Alexander. *Buenos Aires y el interior*. Buenos Aires: Hyspamérica, 1986
- HAMILTON, Alexander; LIST, Friedrich; CAREY, Henry. *Cartas da Economia Nacional contra o Livre Comercio*. Tradução: GRÜNEWALDT, Vitor; LINO, Geraldo Luís; RODRIGUES, Josemar. Rio de Janeiro: Capax Dei, 2009.
- HOROWICZ, Alejandro. *El país que estalló: Antecedentes para una historia argentina 1806-1820*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Edhasa, 2016.
- MAZAT, Numa. Aulas Economia Política II, Segundo Semestre 2016 PEPI/IE/UFRJ. Anotações próprias.
- MENEZES, Alfredo da Mota. *A guerra é nossa: a Inglaterra não provocou a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Contexto, 2013.
- MONTIEL, Inés Rosa. *El impacto de la Revolución Francesa en el Rio de la Plata*. Instituto Gino Germani. UBA/CONICET, 2000. Disponível em: <http://jornadas.ar.tripod.com/ponencia2revfran.htm>
- PEÑA, Milcíades. *Historia del pueblo argentino (1500-1955)*. 2ª ed. Buenos Aires: Emecé, 2012.
- PETTY, William (1690). *Aritmética Política*. São Paulo: Nova Cultura, 1996.
- POLANYI, Karl. *A grande transformação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- PUIGGRÓS, Rodolfo. *Historia Económica del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Retórica Ediciones, 2006
- RAMOS, R. Antonio. *La independencia del Paraguay y el Imperio del Brasil*. Brasilia: FUNAG, 2016.
- ROMERO, José Luis. *Las ideas políticas de Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1975.
- SCHÁVELZON, DANIEL. *Buenos Aires negra*. Arqueología histórica de una ciudad silenciada. Buenos Aires: Emecé Editores, 2003.
- SMITH, Adam (1776). *A riqueza das nações*. Vol. 2. São Paulo: Martins Fonte, 2003.